

EDITORIAL

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i29p9-19>

Mauricio Massahiro Nishihata ¹

O presente número da Revista Desassossego, “*Além da Taprobana... Memórias gloriosas*”: *Os Lusíadas 450 anos*, surge por ocasião das comemorações do aniversário de publicação de *Os Lusíadas*, redigidos por um dos, senão o mais destacado poeta da língua portuguesa. Tendo em vista a relevância de Camões, célebre nas quatro partes do mundo, assinala-se o pensamento de Ítalo Calvino (1993), que elencou algumas das características que conferem o grau de permanência aos grandes textos da literatura de todos os séculos.

De acordo com Calvino, títulos como a *Odisseia* e a *Ilíada*, entre outros patrimônios da humanidade, guardam a capacidade de resistir às ações do tempo. Apesar de longevas, essas obras revelam aspectos importantes às pautas do momento e, malgrado os modismos, passageiros, apresentam o frescor do novo, não raras vezes trazendo contribuições ao presente. Para o escritor ítalo-cubano, “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 1993, p. 15).

Essa máxima de definição, extraída de *Por que ler os clássicos* (1993), aplica-se a *Os Lusíadas* em diversos ângulos.¹ Entre outras observações aqui cabíveis, é curioso notar o modo como a magna epopeia reverbera em tempos marcados pelo rastreio da informação ligeira e funcional, quando a influência da inteligência da máquina cresce em ritmo vertiginoso no dia a dia. A obra de 8.816 versos atrai a atenção de um variegado perfil de

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

¹ Encontra-se semelhante formulação na Introdução de Sheila Hue ao livro *20 sonetos* (CAMÕES, 2018, p. 10): “Essa capacidade da poesia de Camões de falar com os leitores de todos os séculos é o que faz dela uma obra clássica, no sentido em que sempre dialoga com as questões de cada período, sempre tem algo a dizer, geração após geração”.

autorreferência sob o disfarce de um engano. O recurso da metalinguagem em cena, recorrente em Gil Vicente, William Shakespeare e em autores do chamado *Siglo de Oro*, vide as comédias de Lope de Vega e Calderón de la Barca, adquire destaque no texto de Camões ao vincar o início do desenvolvimento das peripécias de Seleuco, oficial macedônico do general Alexandre, o Grande.

Em “*Os Lusíadas* na Rússia”, Mariana Barbieri Vassoler e Rafael Tsukamoto Oliveira entrevistam Olga Ovtcharenko, cujos esforços nas áreas dos estudos literários e tradução têm oferecido títulos incontornáveis das produções luso-brasileiras aos leitores patricios de Dostoiévski e Maiakóvski. Entre outros, Ovtcharenko traduziu *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro; escritos do padre Antônio Vieira; *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano; *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett; bem como *Iracema*, de José de Alencar, que aguarda devida edição. A entrevistada tece comentários sobre o seu *Luziady* (1988), primeira publicação integral da épica em russo, e fala sobre as dificuldades de preservar o caráter poético no complexo ofício de conduzir o autor ao leitor.

Na seção *Outros Desassossegos*, Weimin Zhang, tradutor chinês com diferentes projetos na Fundação Oriente, depõe sobre a arte de traduzir no singelo “Já não vivi em vão / Traduzi bem uma canção”. Concernente à atividade tradutória do intelectual, vale a pena destacar que Zhang publicou mais de uma versão de *Os Lusíadas* (em respectivo, 1992, 1995 e 1998), tendo sido o *Lújiťǎnǐyǎ rén zhī gē / A Canção dos Lusitanos* (2020) a sua edição mais recente.

Em “Por que traduzir Camões para o farsi?”, Sabri Zekri Arabzadeh traz informações sobre o teatro tradicional iraniano do século XX. O investigador reflete sobre as razões de aproximar os espetáculos do teatro português aos leitores do Irã, ao publicar, em Teerã, o seu *Portuguese theatre (I) Gil Vicente Autos das Barcas: Inferno, Purgatório, Glória* (2020). Interessa saber que a tradução do *Auto dos Enfratriões* para o iraniano encontra-se no prelo.

Assim, na diversidade, os artigos apresentados de origens tão distintas evidenciam a difusão, bem como a perenidade do poeta português nos dias de hoje, de que se extraem ensinamento, fruição e entretenimento, apesar de corridas mais de quatro centúrias e meia no curso do tempo. Além dos artigos e entrevista, este número contempla ainda algumas resenhas, como de praxe a uma revista acadêmica.

Em “Uma releitura de *Os Lusíadas*”, Jean Pierre Chauvin expõe o conteúdo do elogiado *Heroísmo na singradura dos mares: histórias de naufrágios e epopeias nas Conquistas ultramarinas portuguesas* (2018), obra resultante da tese de doutorado de Cleber Vinicius do Amaral Felipe, que entre outras coisas põe a descoberto o vínculo do poema com as fontes das histórias trágico-marítimas.

De modo invulgar, Leonardo Zuccaro atravessa a *Colheita de inverno – ensaios de teoria e crítica literárias* (Almedina, 2020), do camonista Vitor Manuel Pires de Aguiar e Silva, recentemente falecido. O livro resenhado consiste num abastado volume contendo 35 artigos sobre autores das mais diversas temporalidades. Zuccaro toma nota das características gerais da recolha, em que observa diversas recorrências no tratamento de questões que ocuparam o crítico português ao longo de cronologias suficientemente espaçadas, o que evidencia o extremo cuidado e persistência do Professor Catedrático da Universidade do Minho no apuro da formulação dos objetos de pesquisa.

Por fim, e não menos importante, Marcus De Martini abraça a difícil tarefa de apresentar as *Agudezas seiscentistas e outros ensaios* (2019), de João Adolfo Hansen. Esse aguardado livro, primeiro de uma série de três previstos, reúne artigos que andavam soltos (e mais um inédito) sobre as letras luso-brasileiras dos séculos XVI ao XVIII. Martini prospecta os ensaios contidos na obra para vasculhar as pistas que surgem das técnicas de aproximação e análise dos objetos então operadas pelo egrégio crítico literário nascido em Cosmópolis (SP), supondo haver, nessa verdadeira *mata brava*, ou método *antropofágico*, um possível eixo comum capaz de elucidar as especificidades de tratamento investigativo. Para Martini, “Hansen se vale da tradição do pensamento acadêmico do século XX para pensar seu *corpus*, sim, mas parte sempre deste e da reconstrução da ‘*forma mentis*’, como diz o autor, que encetou a concepção das obras analisadas, dando assim total ênfase às fontes primárias, para as quais sua atenção é sempre dirigida (...)”. Como numa das melhores arguições preparadas para um curso de teorização literária, Martini vinca as fronteiras metodológicas de Hansen com relação a outras importantes correntes teórico-críticas emergentes no século XX.

Conforme aqui se demonstram, múltiplas formas de abordar a matéria camoniana ratificam as proposições de Ítalo Calvino e Hernâni Cidade, para quem “o próprio do génio [Camões] é fulgir para todos os

lados do quadrante e, através do tempo e do espaço, das variedades da moda e dos conflitos do pensamento, estar sempre presente e ser sempre actual e vivo” (CIDADE, 1968, p. 3).

Além da miríade de textos que compõem o dossiê ampliado “*Além da Taprobana... Memórias gloriosas*”: *Os Lusíadas 450 anos*, a revista ainda conta com colaborações nas seções *Vária*, *Resenhas* e *Outros Desassossegos*.

Na seção *Vária*, João Luiz Xavier Castaldi, em “Didatismo e militância em dois romances sobre os pobres”, estabelece um arguto trabalho de literatura comparada entre romances do português Alves Redol e do caboverdiano Luis Romano, numa leitura que vai problematizar a questão de artistas politicamente engajados e a qualidade estética que sua posição social supostamente impõe ao texto. Em seguida, Tiago Cabral Vieira de Carvalho nos apresenta “O pensamento estético de Antônio Mora, Álvaro de Campos e Fernando Pessoa”, em que vai olhar para dentro da estética pessoana e também para as diferenças entre a figura, o heterônimo e o ortônimo pessoanos.

A seção *Resenhas* trará, além dos já enumerados leitores de Camões, a resenha de *Contra mim*, livro de Valter Hugo Mãe, realizada por André Souza da Silva; além da recensão sobre *Obrigado*, de André Neves, elaborada por Agda Baracy Netto.

Nesta edição, trazemos ainda os *Outros Desassossegos* de Andréa do Nascimento Mascarenhas Silva, Felipe Figueira, Maicon Melito de Souza, Marcelo Calderari Miguel, Paulo de Toledo, Pedro Matias, Raelton Santos Munizo e Valeria Vicente Gerônimo. Através de variadas formas e gêneros literários, esses autores abrilhantam nossa edição com textos que de maneira por vezes sensível, por vezes crua, atravessam nossa Revista não com a racionalidade acadêmico-científica, mas com aquilo que o nosso objeto de estudo é composto: sentimento.

Boa leitura!
Os editores

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, Fernando Bouza. *Portugal no tempo dos Filipes: Política, Cultura, Representações (1580-1668)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMÕES, Luís de. *20 sonetos*. Introdução e edição comentada: Sheila Hue. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- CIDADE, Hernâni. *Luís de Camões: O épico*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1968.
- MARTINS, Leonardo Soares Gouveia. *A atualização da leitura de Os Lusíadas*. 2020. 42 f. Monografia (Graduação em Letras) Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

AGRADECIMENTOS

Adma Muhana, Manuel Ferro, Aude Plagnard, Carlos Gontijo Rosa, Ana Paula Gomes do Nascimento, Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, Sheila Moura Hue, Flávio Reis, Marcelo Lachat, Jean Pierre Chauvin, Elena Vassina, Tiago Maurício, Takiko Okamura, Chika Takeda, Yun Jung Im Park, Paola Poma, Hélder Garmes, Cielo Festino, José Arrabal e a todas as pessoas que colaboraram para a concretização deste trabalho.

Licença: 

Maurício Massahiro Nishihata

Mestre e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Membro da equipe *Poligrafaria: La polygraphie dans l'aire ibérique: écrits et figure de Manuel de Faria e Sousa (1590-1649)*. Professor contratado da prefeitura do município de São Sebastião.

Contato: mauricio.nishihata@alumni.usp.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8370-4246>

Ana Paula Gomes do Nascimento

Mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas e doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Docente contratada do Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória.

Contato: apgomes@alumni.usp.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3414-9447>

Adma Fadul Muhana

Professora pós-doutora e livre-docente da Universidade de São Paulo. Membro do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Entre outras obras, a autora redigiu *Os autos do processo de Vieira na Inquisição (1660-1668)* e *Uriel da Costa e a nação portuguesa: edição diplomática e estudo do 'Exame das tradições fariseias'* (2008).

Contato: adma@usp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-5388-3842>